

A INCLUSÃO DO AUTISTA NO ENSINO REGULAR E OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

THE INCLUSION OF AUTISM IN REGULAR EDUCATION AND THE CHALLENGES OF EDUCATION EDUCATION

Francisco Elionardo de Melo Nascimento
(Universidade Estadual do Ceará)

Maria Joelda de Moura Sousa
(Faculdade Ieducare (FIED))

Edna Gomes dos Santos
(Faculdade Ieducare (FIED))

Resumo: O objetivo deste artigo é abordar as contribuições do pedagogo no ensino e na aprendizagem de alunos com autismo. Trata-se de um estudo que visa colocar em discussão os desafios da inserção de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular, colocando o pedagogo como personagem central deste debate. No que tange aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma revisão integrativa da literatura científica em que, a partir de buscas na base de dados *SciELO* sobre a temática em discussão, foram selecionados seis artigos para compor este estudo. Como resultados, destacamos que a incrementação de práticas pedagógicas inovadoras com diversificação de metodologias, podem contribuir para a inclusão das crianças com necessidades especiais, como as autistas. Portanto, o sucesso da inclusão da criança autista no ensino regular formal depende de como o profissional pedagogo foi capacitado acerca do transtorno, tornando-se importante também à formação continuada dos profissionais com o propósito da capacitação nesta área de ensino e para atenderem as crianças de modo geral, com métodos de ensino que contribuam para a formação pessoal de cada indivíduo dentro de suas próprias diferenças.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão Escolar. Formação do Pedagogo.

Abstract: The purpose of this article is to address the pedagogue's contributions to the teaching and learning of students with autism. This is a study that aims to discuss the challenges of inserting children with Autistic Spectrum Disorder (ASD) in regular education, placing the pedagogue as the central character of this debate. With regard to methodological procedures, it is an integrative review of the scientific literature in which, based on searches in the *SciELO* database on the topic under discussion, six articles were selected to compose this study. As a result, we highlight that the increment of innovative pedagogical practices with diversification of methodologies can contribute to the inclusion of children with special needs, such as autistic children. Therefore, the success of the inclusion of the autistic child in formal formal education depends on how the pedagogical professional was trained on the disorder, making it also important for the continuing education of professionals with the purpose of training in this area of education and to attend children of in general, with teaching methods that contribute to the personal formation of each individual within their own differences.

Keywords: Autism. School inclusion. Formation of Pedagogue.

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva vem garantir que todas as crianças, independentes de suas diferenças, tenham as mesmas oportunidades de acesso ao ensino dentro da sala de aula regular com o mesmo aproveitamento, independentemente de quaisquer características que apresentem, pois todas têm o direito de aprender. Para trabalhar esse processo de inclusão é necessário que o professor, a família e toda a comunidade escolar estejam juntos, em parceria frente aos desafios desta empreitada.

De acordo com o documento “Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva”, a educação inclusiva é considerada como um direito humano. O documento reforça o acolhimento e integração das crianças com Necessidade Educacional Especial (NEE) a partir de um trabalho pedagógico envolvendo a escola, a família e a comunidade, destacando ainda que seja ofertada a todas as crianças, sem exceção, educação formal de qualidade.

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (BRASIL, 2010 p. 10).

Tendo como base o documento, a escola deve oferecer educação de qualidade para todos os alunos, respeitando as necessidades de cada um, e assim evitando exclusão das crianças que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, como é o caso das crianças autistas.

O autismo é um conjunto de transtornos de desenvolvimento, causando problemas de comunicação, linguagem e socialização em pessoas com essa morbidade. Uma criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) levará isso em todas as fases da vida. Pois, cada criança com autismo apresenta comportamento e personalidade diferente, com intensidades diferentes uma da outra, nenhuma é igual. Segundo Locatelli e Santos (2016), o autismo é considerado um distúrbio do desenvolvimento que pode ser causado por condições genéticas ou ambientais. As autoras relatam que o autismo não está ligado a um problema psicológico, mas, biológico, que apresenta uma grande variedade.

Dentro do contexto de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), destaca-se o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), segundo o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5) de 2014, relata que:

As características comportamentais do transtorno do espectro autista tornam-se inicialmente evidentes na primeira infância, com alguns casos apresentando falta de interesse em interações sociais no primeiro ano de vida. Algumas crianças com transtorno do espectro autista apresentam platôs ou regressão no desenvolvimento, com uma deterioração gradual ou relativamente rápida em comportamentos sociais ou uso da linguagem, frequentemente durante os dois primeiros anos de vida (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 99).

No contexto escolar, sabemos que o aluno autista apresenta dificuldades na socialização, comunicação, na aprendizagem, dentre outras características específicas a cada grau que se apresenta o transtorno. Dessa forma, cabe ao professor pedagogo trabalhar com esse aluno, ajudando-o a desenvolver suas habilidades. No entanto, esse trabalho não está isolado, mas apoiado por uma equipe multidisciplinar, sendo dentro da sala de aula o lugar de excelência, apesar de ainda ser algo que causa inquietação em boa parte dos professores, fazendo-os questionarem sua própria formação.

As crianças autistas possuem ilhas de inteligência preservadas, que podem desaparecer caso não as ajudemos a lhes dar sentido, tendo potencial incrível. Desenvolver esse potencial, entretanto, depende da abordagem pedagógica utilizada, e isso é de extrema importância quando falamos de escola e de educação inclusiva, lembrando que o acesso à escola é um direito de todos, e, por isso, é necessária a proposição de ações educativas que atendam também às pessoas com transtornos, déficits, síndromes ou outras deficiências, na escola regular (MATIAS; PROBST, 2018, p.167).

Ao lidar com alunos autistas, o professor deve utilizar metodologias que possam atender as necessidades destes alunos sem que eles se sintam diferentes dos demais, mesmo sabendo que eles têm dificuldades em socializar-se com outras pessoas. Logo, o pedagogo deve se arguir de práticas pedagógicas criativas que possam fazer a diferença na vida escolar daquela criança, sempre planejando e adaptando suas aulas conforme surgem as necessidades em sala.

Dentre as principais queixas dos professores, está a insuficiente preparação na sua formação inicial sobre o trabalho com a diversidade em sala de aula. Podemos destacar ainda a lacuna entre a formação inicial e a realidade dentro do ambiente escolar, pois as teorias são importantes para o embasamento da atuação e reflexão, no entanto, é a partir da prática, no ambiente escolar, que surgem as dificuldades que podem ser gerais, mas também específicas e contextuais, sendo de extrema relevância a formação continuada. Portanto, é atuando como educador no contexto escolar, em formação continuada e com o apoio da escola e família que o professor pedagogo poderá desenvolver seu trabalho com seus alunos em todas as necessidades educativas deles.

O professor irá enfrentar grandes desafios, mas ele deve ter práticas educativas inovadoras e metodologias flexíveis a serem adaptadas para atender as necessidades de toda a turma sem exclusão de nenhum aluno. Pois esse vai se deparar com situações desafiadoras ao longo de sua jornada, porém deve estar preparado para encarar com sabedoria e criatividade maneiras de se sair das situações difíceis sem que ninguém seja prejudicado.

Ao falarmos do trabalho do pedagogo na inclusão de alunos com TEA, da maneira como ele pode contribuir para a aprendizagem desse aluno, isso não se refere apenas a socialização dessas crianças no âmbito escolar, mas vai além da sala de aula. O professor pode ser o diferencial na vida desse aluno, para que esse possa enfrentar as barreiras vividas no dia a dia. Diante disso, temos o seguinte questionamento: como o pedagogo pode atuar de forma diferencial para desenvolvimento educacional de crianças autistas?

Esta pergunta foi um norte ao longo da realização desta pesquisa que tem o objetivo geral de abordar as contribuições do pedagogo no ensino e na aprendizagem de alunos com autismo. Como metodologia, utilizou-se o método de revisão integrativa que, conforme Mendes, Silveira e Galvão (2008), é um método de revisão que proporciona a identificação de lacunas para uma ampla análise da literatura, onde facilita ao pesquisador encontrar resposta para sua problemática por meio de trabalhos já realizados por outros autores. Sendo assim, seguido por uma série de critérios necessários para esse tipo de revisão, buscou-se por artigos na base de dados *SciELO*, fazendo a combinação de palavras-chave. Os critérios para a inclusão destes artigos foram: artigos publicados em português, nos anos de 2015 a 2020, e que abordassem a temática do autismo, inclusão escolar e formação do professor.

Como resultados da pesquisa, entende-se que o professor precisa qualificar-se dentro da área de conhecimento sobre inclusão escolar, no intuito de contribuir com o desenvolvimento educativo de alunos com autismo e demais Necessidades Educacionais Especiais (NEE). No entanto, sabe-se que a criança autista não pode sentir-se excluída em sala de aula. Porém, é importante que seja dada a ela, atenção necessária, além do vínculo que irá reverberar segurança para que essas crianças consigam interagir e ter interesse pela aula. Para isso, o professor deve ter conhecimento de quais objetos e materiais despertam o interesse da criança autista, possibilitando para ela a facilidade de familiarizar-se com o seu novo ambiente, que é a sala de aula.

O texto está dividido em três sessões. A primeira trata da formação do professor acerca da inclusão escolar e de como ele pode contribuir de forma satisfatória para a inclusão de alunos

com Necessidades Educacionais Especiais, enfatizando o autismo como principal transtorno estudado no decorrer desta pesquisa. Na segunda sessão, destacamos os procedimentos metodológicos da revisão integrativa e os resultados obtidos a partir das filtragens na base de dados *SciELO*. Por último, destacamos as principais discussões dos autores tendo em vista a nossa questão norteadora sobre o papel do pedagogo na educação de crianças autistas.

DESENVOLVIMENTO

A Formação do Professor Diante das Novas Metodologias de Ensino e o Processo de Inclusão de Crianças Com Autismo

A Formação do Professor Frente à Inclusão Escolar

O professor deve estar sempre em formação continuada, pois apenas o conhecimento adquirido durante sua formação não é suficiente diante das constantes transformações do sistema educacional, suas inovações e os desafios que são lançados para a prática docente. Desta forma, o professor tem papel central no processo de inclusão escolar e precisa se qualificar para atender as demandas que podem surgir em sala de aula.

A formação inicial deve amenizar o descompasso existente entre os princípios teóricos propostos pela pedagogia inclusiva e sua materialização nas escolas e nas salas de aula. A atuação docente não mais pode se pautar prioritariamente na transmissão de conhecimento e deve passar a ser mais diversificada, criativa e complexa a fim de abranger diferentes alunos com condições também diversificadas de aprendizagem (POKER; VALENTIM; GARLA, 2017, p. 879).

Ao contextualizar as circunstâncias históricas da exclusão dentro e fora da escola, observa-se o quanto o docente tem um papel importante no desenvolvimento da inclusão. Nota-se ainda, que o olhar diferenciado do educador, para aqueles alunos que necessitam de apoio curricular adaptado e direcionado a suas dificuldades, faz desse docente um ser interessado em incluir as diferentes demandas que surgirão ao longo de sua carreira acadêmica.

Diante disso, é imprescindível “proporcionar aos professores uma oportunidade de reflexão sobre a inclusão escolar de alunos com deficiência, através de estudos e discussões referente à educação especial numa perspectiva inclusiva” (FREITAS, 2017, p. 226). Esse olhar reflexivo do professor fará toda a diferença na promoção da escola enquanto um local propício

a todos, sem qualquer preconceito ou discriminação, no intuito de desenvolver a aprendizagem de todos.

No processo de inclusão, o professor tem um papel determinante, mesmo sabendo que para os alunos com necessidades educacionais especiais desenvolverem-se, dependendo de qual seja seu transtorno, depende muito, do acompanhamento de um conjunto de profissionais qualificados, tais como o fonoaudiólogo, psicólogo, professor, direção da escola, dentre outros profissionais. Este é um trabalho que precisa ser feito em parceria, no entanto, no processo educacional, ao professor, é delegada a função de educar e socializar aquela criança com as demais, ele é responsável pelo processo educativo e inclusivo do aluno.

Para pensarmos em garantir a inclusão de alunos com deficiência na escola pública é preciso entender que esta inclusão deve ocorrer de forma que garanta a qualidade do ensino para estes alunos. E para isto, é preciso pensar também na formação dos professores que irão ministrar as aulas e acompanhar estes alunos. Por isso, destacamos que, a formação do professor precisa caminhar continuamente, ou seja, o professor precisa estar sempre se aperfeiçoando (REZENDE, 2019, p. 23).

Em relação à educação inclusiva, o aperfeiçoamento do professor é um desafio constante e, para que isto aconteça da melhor maneira possível, a parceria da família no processo educativo e na socialização da criança especial é de fundamental importância. Pois, a educação como um direito de todos, envolve diversos fatores contingenciais a serem superados. No entanto, não basta apenas que o professor lute para romper essas dificuldades, pois é preciso, além do apoio familiar, que a equipe da gestão pedagógica esteja empenhada nesta empreitada da inclusão. Desta forma, o ambiente escolar deve oferecer condições para que seus profissionais exerçam suas funções, e também para que os alunos se sintam acolhidos.

O trabalho do professor na inclusão de alunos com necessidades especiais no desenvolvimento de suas habilidades e interações sociais depende de um trabalho em conjunto entre escola e família, pois o apoio da família é fundamental, sendo necessário que ela entenda e aceite o diagnóstico da criança como primeira etapa para o sucesso da inclusão do aluno no ensino regular. Conforme Bentes *et al.* (2016), a família tem um papel importante na inclusão social da criança autista, pois ela é a referência para a criança de um conjunto de valores, crenças e hábitos que ela terá contato desde a gestação. A família não deve apenas preocupar-se com o dever de cuidar de suas necessidades básicas, mas será a primeira a lutar pela garantia de todos os direitos que a criança tem. Daí então, se a família se nega a lutar pelos direitos de seus filhos com algum tipo de necessidade especial, a escola sozinha não terá forças para seguir nessa luta,

pois é necessário que os pais estejam juntos para vencer essa batalha, que é a inclusão dessas crianças na sociedade.

Sendo assim, o educador deve estar sempre buscando aperfeiçoar os conhecimentos dentro das novidades que surgem em relação à inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, quanto a sua socialização e dificuldades de aprendizagem, a fim de contribuírem com a inclusão dos mesmos no contexto escolar de forma igualitária, mas se não houver a compreensão da família e o apoio da escola, o professor jamais terá bons resultados.

Os Desafios da Inclusão Escolar

Dentre tantos desafios encontrados no processo de inclusão escolar, destaca-se a falta de recursos, sala de aula lotada, despreparo dos profissionais envolvidos, falta de formação dos professores. Esses estão tentando buscar formações no intuito de contribuir com o processo educacional dos alunos que apresentam alguma Necessidade Educacional Especial, porém o processo de inclusão não é fácil e requer muito conhecimento e interesse, além de ser um trabalho que só será possível acontecer se houver parceria e compartilhamento de conhecimento entre os envolvidos.

No que tange especificamente ao Transtorno do Espectro Autista (TEA), foco deste artigo, é um transtorno que geralmente é mais diagnosticado no sexo masculino, dificilmente esse transtorno é diagnosticado em mulheres, o mesmo apresenta características diferentes de criança para criança. Desta forma, a etologia do TEA ainda é “desconhecida, entretanto, a tendência atual é considerá-la como uma síndrome de origem multicausal envolvendo fatores genéticos, neurológicos e sociais da criança” (PINTO *et al.*, 2016, p. 2).

A criança autista apresenta déficits comportamentais, falta de habilidade e dificuldade de interação social, estas características se apresentam logo nos primeiros anos de vida. Silva *et al.* (2019) relatam que geralmente as famílias das crianças autistas começam a notar os sinais do transtorno com mais clareza antes mesmo dos três anos de idade, quando as crianças apresentam suas limitações comportamentais frequentemente, onde é notado as dificuldades em se comunicar e familiarizar-se com outras pessoas.

O autismo é considerado um transtorno de desenvolvimento que prejudica a capacidade de se comunicar e interagir socialmente, ele é classificado em diferentes tipos, sendo que ambas têm características parecidas, porém, cada criança diagnosticada com TEA, apresenta modo

diferente de se comportar ou socializar-se, no entanto, todas são dignas de respeito e compreensão, independentemente de seu grau de autismo, quanto as suas dificuldades e a forma como desenvolver suas habilidades.

Os estudantes com necessidades especiais de aprendizagem recebem atendimento individualizado, de modo que possam superar suas dificuldades. A vivência escolar tem demonstrado que a inclusão pode ser favorecida quando observam as seguintes providências: preparação e dedicação dos professores; apoio especializado para os que necessitam; e a realização de adaptações curriculares e de acesso ao currículo, se pertinentes (SILVA *et al.*, 2019, p. 143.)

Conforme as autoras citadas acima, as crianças com necessidades especiais são capazes de vencer as dificuldades, porém todas essas crianças são dotadas de habilidades, e capazes de desenvolverem seu processo educacional, para isso precisam de ajuda dos professores, cabe a essas crianças receberem ajuda, estímulo e apoio de profissionais especializados, para que assim seja trabalhado as principais habilidades de cada criança, independente das dificuldades que elas apresentem no seu processo de aprendizagem.

No entanto, em relação às crianças autistas inserir essas crianças dentro da sala de aula de ensino regular, é um processo delicado e requer muita atenção e dedicação dos professores, pois essas crianças apresentam muita dificuldade na socialização com outras pessoas, como outras também apresentam dificuldades no desenvolvimento de sua linguagem, dentre outras características apresentadas por elas.

É possível perceber que cada portador de autismo tem uma forma diferente de reação, porém maior parte possui a dificuldade de interação, desenvolvimento cognitivo e dificuldade na linguagem. Destacamos, sobretudo, que o autismo não é contagioso ou é adquirido por intermédio de algum acidente, pois se trata de um transtorno neurobiológico. Até então não existe cura, mas tratamentos que estão em constante progresso na busca melhorias e desenvolvimento para os portadores (NASCIMENTO; NASCIMENTO; SANTOS, 2017, p.135).

A criança com TEA muitas vezes gosta de se isolar, e para evitar esse isolamento social seria muito interessante o quanto antes trabalhar com essas crianças a inclusão social, antes mesmo de frequentarem a escola, mas, infelizmente, muitas vezes, isso só vem a acontecer quando já estão inseridos no ambiente escolar. Logo que a criança autista entra na escola, enfrenta desafios na adaptação de um ambiente novo com muitas crianças ao redor, tudo isso causa confusão na cabeça de qualquer criança. No entanto, para aquelas que apresentam necessidades especiais, onde, muitas delas, dependendo do grau, ainda não foram percebidas nem pela família e muitas vezes demoram também a ser notadas na escola. No início, pode-se

dizer até que é timidez ou falta de atenção, até que seja diagnosticado como um transtorno, só aí facilitará para ambas as partes envolvidas trabalharem com essa criança.

O indivíduo com transtorno de desenvolvimento autista apresenta uma enorme dificuldade de interação social. Para ele, o olhar dos outros, os sons, os movimentos e o “falatório” provocam um “curto circuito” que as vezes deixam inseguros e desorientados. No autismo existe uma dificuldade grande de perceber sutileza e linguagem, de decifrar gestos, movimentos e intenções nas expressões faciais das outras pessoas (LOCATELLI; SANTOS, 2016, p. 206).

Então, ao perceber as dificuldades das crianças autistas, devem-se respeitar os limites de cada uma, pois ambas apresentam comportamentos diferentes, cada criança tem sua particularidade, somente a partir do conhecimento dos aspectos individuais é que deve ser iniciado o trabalho pedagógico para que ela possa desenvolver-se aos poucos. Por mais que essas crianças apresentem graus de dificuldades em se comunicar, socializar e interagir, isso não quer dizer que elas não sejam capazes de desenvolver sua própria autonomia, pois, com calma, com auxílio da família e dos profissionais elas serão capazes de desenvolver suas próprias habilidades e terem autonomia.

Para que a inclusão seja possível nas escolas, seja ela qual for a necessidade do aluno, o primeiro passo que deve ser dado pela escola é favorecer o ambiente para receber a diversidade, não basta apenas se preocupar com a seleção dos profissionais, o ambiente físico também precisa ser capacitado para receber a diversidade. A escola que trabalha a inclusão escolar deve fazer um trabalho em conjunto entre o aluno, a família, os professores, gestores e outros profissionais da área para vencerem esse desafio. É necessário criar um plano de educação adequado com o propósito de atender as necessidades das crianças que apresentam algum tipo de necessidade especial, pois a inclusão só acontecerá de forma efetiva e terá um resultado satisfatório se a interação entre os envolvidos for possível.

Para Minatel *et al.* (2019, p. 80), a compreensão dos profissionais da educação acerca do “autismo torna-se de extrema importância para o desenvolvimento de qualquer ação junto a essa população, pois sua concepção direciona seus atos em relação ao aluno”. Os professores precisam primeiro conhecer as necessidades desses alunos, suas particularidades, seu perfil comportamental e cognitivo, só então será possível trabalhar estratégias pedagógicas que contribuam com o desenvolvimento e aprendizagem desses alunos.

Os desafios da inclusão são constantes, mas a escola deve ter um plano de ação para vencer as barreiras que podem surgir, o projeto pedagógico deve ser elaborado em parceria com

os gestores, a família e professores, para poderem discutir estratégias que melhor atendam às crianças de modo geral.

Metodologias de Ensino-Aprendizagem na Educação da Criança Autista

Diante de tantos desafios e da diversidade encontrada em sala de aula nos dias atuais, os educadores devem estar preparados para lidar com todas as diferenças e particularidades dos alunos, para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra da melhor maneira possível. Desta forma, “o processo de ensino/aprendizagem requer o entendimento de que ensinar e aprender não significa acumular informações memorizadas, mas sim fazer o estudante buscar novas alternativas, fazer escolhas frente a novas situações apresentadas (SILVA *et al.*, 2019, p. 144). Para tanto, o educador deve utilizar metodologias flexíveis e viáveis para proporcionar aos alunos a construção do conhecimento de forma inovadora, com uma nova dinâmica de ensino e aprendizado.

Na perspectiva de atingir a educação inclusiva, o educador deve envolver na sua proposta pedagógica uma metodologia de ensino ativa e relevante à realidade de seus alunos, deve-se envolver o lúdico, jogos, músicas e diversos tipos de brincadeiras, na tentativa de proporcionar a essas crianças facilidades de socialização e assim contribuir para o desenvolvimento de sua imaginação.

Os conteúdos elaborados devem ser sempre interligados com a realidade dos alunos, utilizando de métodos capazes de obter os objetivos desejados pelos educadores, sendo possível unir diversas metodologias de ensino conjugando as tecnologias e ludicidade disponíveis nos dias atuais, e jamais utilizando os métodos tradicionais de ensino, onde o aluno quase nunca é visto como um ser ativo e participativo.

Assim, as contínuas e rápidas mudanças da sociedade contemporânea trazem em seu bojo a exigência de um novo perfil docente. Daí a urgente necessidade de repensar a formação de professores, tendo como ponto de partida a diversidade dos saberes essenciais à sua prática, transpondo, assim, a racionalidade técnica de um fazer instrumental para uma perspectiva que busque ressignificá-la, valorizando os saberes já construídos, com base numa postura reflexiva, investigativa e crítica (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017, p. 269).

O processo de ensino-aprendizagem só tem bons resultados quando acontece a interação entre aluno e professor. Pois, o professor é um mediador de conhecimento, mas o aluno, desde criança na Educação Infantil, já é dotado de conhecimento e o professor deve deixar espaço

aberto e acolher as experiências dos mesmos. Até nas brincadeiras, as crianças devem ser observadas em cada detalhe, pois é daí que o professor irá conhecer melhor e estudar o perfil de cada criança. Dessa forma,

O processo de ensino estabelece uma relação diferenciada com o educando, onde se observa uma trajetória de construção do saber e promoção da aprendizagem. Trata-se de uma relação que ativa o processo de aprendizagem em função de capacidades particulares a adquirir. A questão do ensino não se limita à habilidade de dar aulas, também envolve a efetivação de levar ao aprender (PAIVA *et al.*, 2016, p. 146).

Diante desse processo de aprendizagem, para ter um ensino ativo, faz-se necessária a importância de utilizar metodologias flexíveis e que possam ser adaptadas conforme surgirem necessidades em sala de aula, pois é de total relevância analisar o cotidiano das crianças. Lembrando então que, para a educação acontecer, não basta apenas ter a porta da escola aberta para receber seus alunos, pois antes de abrir essas portas é necessário que se prepare uma equipe de profissionais competentes dentro de suas funções para acolher esses alunos e fazerem a aprendizagem acontecer.

O ensino exige rigor metodológico; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporeidade das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; reconhecimento e elevação da identidade cultural (PAIVA *et al.*, 2016, p. 147).

Cada professor tem autonomia de criar seu próprio método de ensino, pois é ele que conhece seus alunos, suas necessidades e seu grau de desenvolvimento. Segundo Guedes (2019, p. 41), no processo de alfabetização dos “alunos autistas, não se deve utilizar somente de um método de ensino, pois é de fundamental importância contemplar a necessidade de cada indivíduo e, diante disso, elaborar objetivos para ensinar”. O professor deve estar atento em suas metodologias de ensino, com práticas pedagógicas inovadoras, incluir em suas aulas, diversas maneiras de ensino com o lúdico, jogos, símbolos, desenho algo que motive as crianças autistas a se envolverem nas aulas.

Um dos métodos fundamentais para a alfabetização de alunos com TEA é a metodologia fônica, essa facilita os alunos a familiarizarem-se com os sons das letras, assim sendo possível assimilar melhor esse processo de aprendizagem. O pedagogo deve diversificar suas metodologias sempre, conforme as necessidades de seus alunos.

As novas práticas educacionais estão facilitando o trabalho dos professores em relação à inclusão escolar, há uma diversidade de metodologias ativas e inovadoras que complementam

em função do desenvolvimento das habilidades dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais. No entanto, o professor precisa estar em processo de formação continuada no intuito de garantir aos seus educandos uma educação de qualidade em que todos possam desenvolver sua autonomia e protagonismo de seu próprio processo educacional.

O referido trabalho trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, e o tipo de pesquisa adotado é a revisão bibliográfica integrativa. A revisão integrativa é considerada um estudo com coleta de dados a partir de fontes secundárias e tem uma ampla aplicabilidade de resultados de estudos já realizados na prática por outros pesquisadores. É assim denominada “porque fornece informações amplas sobre um assunto/ problema, constituindo, assim, um abrangente corpo de conhecimento e de rigor metodológico” (SOUSA *et al.*, 2017, p. 25.). Esse método é bastante utilizado na área da saúde, mas também tem ganhado destaque na área da educação.

A revisão integrativa surgiu dentro da área da saúde, daí então, a partir deste método, é possível fazer levantamentos de pesquisa baseando-se em evidências e possibilitando aos pesquisadores encontrar lacunas em áreas de conhecimento a partir da sistematização de resultados de estudos já realizados, o que pode fundamentar a necessidade de novos estudos. “É um método que permite compreender determinado fenômeno por meio da sumarização de múltiplos estudos científicos, subsidiando a tomada de decisão e incorporando evidências na prática profissional” (VIANNA *et al.*, 2013, p. 927).

A revisão integrativa tem como fundamento proporcionar aos pesquisadores coletas de dados disponíveis na literatura que possam ser comparados com o tema apresentado e assim aprofundar o conhecimento do autor sobre a temática que está sendo analisada. Tal revisão é a mais ampla dentro dos métodos de pesquisa utilizados nas revisões, podendo ser realizada a partir de estudos experimentais e não-experimentais para compreensão completa do estudo investigado (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Portanto, para a coleta de dados deste estudo, escolhemos a base de dados *SciELO*. Para a obtenção dos artigos incluídos nesta revisão, foram realizadas duas buscas por meio da combinação das seguintes palavras-chave: autismo, inclusão escolar e formação de professor, levando em consideração os seguintes filtros: artigos publicados em português, nos últimos seis anos, que correspondem de 2015 a 2020.

Na primeira filtragem, por meio da combinação das palavras-chave: autismo e inclusão escolar, foram encontrados onze artigos que, após a leitura atenta dos títulos e resumos, foram escolhidos os quatro que melhor abordavam o problema de pesquisa. Já na segunda filtragem, combinamos as palavras-chave: inclusão escolar e formação de professor, sendo encontrados nove artigos, após a pré-seleção, por meio da leitura atenta dos títulos e resumos, foram selecionados dois artigos para esta revisão. Portanto, seis artigos foram incluídos nesta revisão.

Nas duas filtrações realizadas, não encontramos nenhum artigo repetido. Os artigos incluídos foram os que melhor abordaram a formação de docentes para trabalhar com crianças com TEA e contribuir para a inclusão escolar, como descrito na tabela 1.

QUADRO 1: Dados dos artigos encontrados nas filtrações

Filtragem	Encontrados	Repetidos	Incluídos	Excluídos
Primeira	11	0	04	07
Segunda	09	0	02	07
Total	20	0	06	14

FONTE: Dados da pesquisa (2020).

Dos artigos incluídos para estudo, dois deles foram publicados no ano de 2015, um em 2016 e os três artigos restantes foram publicados no ano de 2018. Ambos com temática abrangente aos objetivos desejados da pesquisa realizada, nos quais os autores descrevem seus estudos sobre TEA, inclusão escolar e formação de professor. Sendo assim, eles irão dar suporte a esta pesquisa, pois trazem resultados relevantes à temática pesquisada. Segue abaixo um quadro com títulos, autores, periódicos e ano de publicação dos artigos que foram incluídos nesta pesquisa.

TABELA 1: Distribuição dos artigos, por título, autoria, periódico e ano de publicação.

Nº	Título	Autores	Periódico	Ano
1	A inclusão escolar nas autobiografias de autistas	BIALER, M.	Rev. Quad. da Assoc. Bras. de Psicologia Escolar e Educacional.	2015
2	Os professores e a educação inclusiva: identificação dos fatores necessários à sua implementação	Dias, M. Á. L.; Rosa, S. C. & Andrade, P. F.	Psicologia USP	2015

3	As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno do Espectro do Autismo	TOGASHI, C.M. & WALTER, C. C. F.	Revista Brasileira de Educação Especial	2016
4	Atuação do psicólogo na inclusão escolar de Estudantes com Autismo e Deficiência Intelectual	BENITEZ, P. & DOMENICONI, C.	Psicologia Escolar e Educacional	2018
5	As Emoções do Professor Frente ao Processo de Inclusão Escolar: Uma Revisão Sistemática	FARIA, P. M. F. & CAMARGO, D.	Revista Brasileira de Educação Especial	2018
6	Mediação escolar: Sobre habitar o entre.	VARGAS, T. B. T. & RODRIGUES, M. G. A.	Revista Brasileira de Educação	2018

FONTE: Dados da pesquisa (2020).

Ambos os artigos citados acima são de referência, abordando conteúdo muito abrangente aos objetivos desta pesquisa, sendo base para as discussões sobre a temática. No quadro 2, apresentamos o delineamento metodológico e principais desfechos dos artigos utilizados nesta revisão integrativa.

TABELA 2- Delineamento metodológico e principais desfechos

Nº	Delineamento metodológico	Principais desfechos
1	Pesquisa qualitativa. Estudo teórico alicerçado na análise de livros autobiográficos escritos por 14 autistas.	Conclui-se que o processo de inclusão do autista no âmbito escolar ainda está longe de acontecer de forma plena, visto que os auto relatos de várias partes do mundo sugerem uma pseudo-inclusão. Ainda se nota que apesar do autista já adentrar o ambiente escolar, suas especificidades dentro do TEA, são ainda, por vezes ignoradas nos processos de ensino.
2	Pesquisa com levantamento bibliográfico a partir da base de dados SciELO, e entrevistas a três professoras com experiência em educação inclusiva.	A análise das entrevistas deu por conclusão a essência discriminatória que ainda perdura no corpo docente, além de afirmativa quanto a carência na formação específica, o que ressaltam os autores também por notar o pouco interesse em informação autônoma por parte dos professores, o que conta com o desamparo e desleixo de superiores hierárquicos, como a gestão escolar, e o poder público, implicando

		assim na qualidade dos processos de educação inclusiva.
3	Estudo de caso com delineamento experimental, que apresentou uma abordagem qualitativa, envolvendo professores e alunos com TEA da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.	Obteve-se como produto das análises que o incentivo à comunicação é essencial para o desenvolvimento social e cognitivo de indivíduos com TEA que apresentam disfunções na fala, contribuindo para facilitar no processo da sua inclusão escolar. Nesse sentido, destaca-se que a Comunicação Alternativa e Ampliada tem papel fundamental. Ressalta-se ainda, que a inclusão escolar para o ensino regular se faz de forma gradativa pela legislação, atravessada ainda, por alguns profissionais sem preparo e por uma sociedade igualmente ignorante.
4	Estudo de campo, com caráter qualitativo e quantitativo, junto a procedimentos experimentais, envolvendo a perspectiva de atuação de psicólogos, professores, alunos e pais.	Os dados mostraram que a atuação do psicólogo no âmbito educacional favorece a aprendizagem dos estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo e Deficiência Intelectual, a partir do envolvimento de diferentes agentes educacionais no processo pedagógico, bem como dos fatores sociais, assim contemplando o ritmo individual de aprendizagem de cada um, a partir de uma programação detalhada de ensino inclusivo.
5	Revisão sistemática, por meio de pesquisa bibliográfica utilizando a base de dados <i>SciELO</i> , considerando apenas estudos nacionais.	Abordando sobre as emoções dos professores frente ao processo de inclusão, concluiu-se que esses aspectos são pouco considerados no viés científico pedagógico, estando mais próximo para a área da psicologia, contudo, a inclusão pede orientação não somente sobre fatores cognitivos, e portanto, o social e emocional também merecem atenção. Ressalta-se que para construir escolas genuinamente inclusivas, é necessário rever a forma de lidar com a educação, a aprendizagem e os atores escolares.
6	Pesquisa-intervenção, guiada pelo viés da cartografia, propondo-se a mapear processos intrincados no âmbito da mediação escolar, em uma escola municipal, da periferia de uma cidade interiorana do estado do Rio de Janeiro.	O estudo apresenta a necessidade de novos caminhos e processos inclusivos com o aluno, a escola e a rede de apoio. Destaca o mediador fora da posição de apenas “cuidador” do estudante dito com necessidades educacionais especiais, colocando-o como sujeito reconhecedor da singularidade do outro, desprendido do olhar reducionista, normalizante e segregador, da estereotipação. Compreensão do seu papel, não apenas no conhecimento prático da lida com o

estudante, mas também numa visão crítica acerca da educação, do desenvolvimento, das expectativas sociais e das forças que operam no âmbito institucional.

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

A leitura atenta e fichamento dos artigos incluídos nesta revisão integrativa nos possibilitou a extração das principais discussões que foram base para a confecção do tópico a seguir, tendo sempre em vista a nossa questão norteadora: como o pedagogo pode atuar de forma diferencial para desenvolvimento educacional de crianças autistas?

Baseando-se nos trabalhos estudados, compreendeu-se que o processo de inclusão escolar se torna mais fácil quando a escola se habilita em trabalhar em conjunto com a família para oferecer às crianças com necessidades especiais um espaço que acolha suas diferenças, sabendo que essa missão não cabe apenas ao professor, pois é um trabalho feito em parceria. Desta forma, conforme Faria e Camargo (2018, p. 218), “a inclusão escolar prescinde da revisão do conceito da própria escola, tal como historicamente tem se constituído e posicionado, legitimando a manutenção de determinados poderes e saberes”.

A inclusão escolar terá relevância no sistema regular de ensino quando envolver a participação dos diversos agentes educacionais responsáveis por esse processo. De acordo com Vargas e Rodrigues (2018), com a inclusão escolar surgiu a necessidade de as escolas modificarem seus conceitos de ensino, e revisarem sua estrutura, sabendo que todos os alunos precisam ser atendidos de maneira satisfatória no processo de ensino-aprendizagem.

Quanto às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que apresentam dificuldades em socializar-se e se comunicar, inserir essas crianças em sala de aula regular é uma tarefa que requer responsabilidade, comprometimento e profissionalismo, uma vez que, cada criança tem características particulares, muitos tendo a “impossibilidade de controlar o próprio corpo, o que se manifesta em comportamentos inadequados e bizarros alheios à sua vontade e em uma agitação incessante” (BIALER, 2015, p. 486.).

Tendo em vista a necessidade da compreensão das peculiaridades das crianças com TEA e pensando nas dificuldades que apresentam em interagir socialmente e em comunicar-se, os educadores devem ter práticas pedagógicas flexíveis que possam ser

modificadas conforme as necessidades da turma, onde todos possam ser incluídos dentro do sistema de ensino da sala de aula regular.

Benitez e Domeniconi (2018) afirmam que a educação inclusiva acontece quando se trabalha com uma equipe multidisciplinar, com diversos profissionais qualificados, pois o professor tem seu papel na área pedagógica educacional, mas os profissionais da área da saúde também podem contribuir para a formação dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE). Ainda de acordo com os autores, o psicólogo também precisa trabalhar em parceria com a escola, ele irá dar auxílio aos pais, aos educadores e os próprios alunos, na expectativa de inserir o aluno especial na sala de aula regular, mas com um atendimento especializado e de qualidade.

O educador precisa se qualificar para atender as necessidades de seus discentes, ser criativo e utilizar metodologias ativas, e a escola precisa também se adaptar aos seus alunos, tanto no que diz respeito ao espaço quanto ao seu grupo de colaboradores. Assim, “o preparo do professor para a atuação na educação inclusiva deve abranger não somente a formação intelectual, mas também direcionar-se aos seus aspectos sociais e emocionais” (FARIA; CAMARGO, 2018, p. 224).

Para a educação inclusiva ser bem-sucedida envolve-se uma série de fatores e desafios, dos quais, destaca-se a formação dos professores como campo de investigação e reflexão em relação aos diferentes tipos de alunos, os reconhecendo e aceitando suas diferenças. Desta forma, “a educação inclusiva também se refere às crianças e adolescentes pobres, negros, indígenas, imigrantes, em conflito com a lei, dentre outros” (DIAS; ROSA; ANDRADE, 2015, p. 457). Todos têm direito à educação, e precisam ser inseridos em um sistema de ensino regular. No processo de educação inclusiva o professor tem o papel de inserir os alunos em grupos, e os estimular a interação, promovendo assim seu processo de aprendizagem.

Togashi e Walter (2016) apontam que a inclusão escolar de pessoas com TEA tende a ser mais delicada do que as demais, sem Necessidades Educacionais Especiais (NEE). Desta forma, o educador necessariamente precisa estar qualificado para promover o desenvolvimento educacional dessas crianças, envolver no seu processo de ensino metodologias ativas e inovadoras, explorar seus conhecimentos e ser o diferencial na vida desses alunos, promovendo assim a inclusão dos mesmos no âmbito escolar.

Para que ocorra a inclusão das crianças com TEA, as metodologias de ensino devem ser ativas e diversificadas, envolvendo o lúdico, jogos, leitura, histórias, incluindo ainda as inovações tecnológicas que possam facilitar a aprendizagem. No processo de inclusão, o professor não necessariamente precisa ser especialista no determinado transtorno, porém, é preciso buscar estar se qualificando sempre dentro das inovações pedagógicas que buscam melhorar o processo de ensino aprendizagem.

Bialer (2015) relata em sua pesquisa sobre os alunos autistas que ambos apresentam características diferentes, porém todos mostraram que são muitos inteligentes e com capacidade cognitiva para enfrentar a sala de aula regular. Em outra perspectiva, Togashi e Walter (2016) abordam os autistas não falantes, mostrando que há métodos tecnológicos que dão suporte aos profissionais da educação para trabalharem com esses alunos que é “A Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA)”, um processo que acontece através de sinais ou símbolos que dão facilidades para os mesmos se comunicarem.

No entanto, percebe-se que a inclusão escolar está em processo evolução constante, onde se busca diversas maneiras de incluir todas as crianças com NEE dentro do contexto escolar, para que todas possam ser atendidas independentes de suas necessidades, pois os professores estão se qualificando para atender a diversidade dentro da sala de aula de ensino regular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste estudo possibilitou uma análise sobre a formação dos professores no processo de inclusão de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Diante dos desafios e obstáculos encontrados no âmbito escolar, onde, constantemente, novas metodologias surgem, possibilitando aos professores práticas de ensino que estimulem o processo de aprendizagem das crianças com NEE (Necessidades Educacionais Especiais).

No entanto, as crianças com autismo precisam de um apoio especial, um suporte no desenvolvimento de suas habilidades tanto na socialização como na comunicação. Toda criança independente de suas diferenças tem direito à educação, pois sabe-se que todas são capazes de aprender, mesmo sendo de maneiras e tempos específicos, o processo educacional acontece de forma singular para cada criança.

Daí então, o professor, como mediador, auxilia no processo educacional, e, para que isso seja possível, esse profissional precisa se qualificar por meio de formação continuada para estar sempre atualizado dentro do contexto das metodologias ativas como conhecimento pedagógico, como também para proporcionar aos seus alunos uma aula diversificada e atenta às necessidades diárias dos mesmos.

Os pedagogos são os principais profissionais que estão na luta pela inclusão escolar, enfrentando os desafios no intuito de superar qualquer obstáculo encontrado no exercício de sua profissão. Mesmo sabendo que eles também precisam do apoio de outros profissionais, mas, de forma gradativa, sabe-se que a inclusão está sendo implementada nas escolas.

Diante disso, espera-se que as escolas possibilitem aos seus servidores condições de trabalho, montando uma equipe multidisciplinar para firmar parceria entre aluno, escola e família no intuito da inclusão da criança autista. Porém, sabe-se que para que a inclusão escolar aconteça dentro das salas de aula de ensino regular, precisa desse trabalho em conjunto. A interação de todos fará a diferença no processo educacional das crianças que necessitam desse apoio.

REFERÊNCIAS

BENITEZ, Priscila; DOMENICONI, Camila. **Atuação do psicólogo na inclusão escolar de estudantes com autismo e deficiência intelectual.** *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, V.22, N. 1, jan./abril de 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018013926>, > Acesso em 14 set. 2020.

BENTES, Caroline Cássila Araújo; BARBOSA, Daniele Cristina; FONSECA, Jaine Rocha Mesquita; BEZERRA, Luara Cristina. **A família no processo de inclusão social da Criança e adolescente com autismo: desafios na sociedade contemporânea.** Presidente Prudente – SP. 2016.

BIALER, Marina. **A inclusão escolar nas autobiografias de autistas.** Grupo Cibernética Pedagógica ECA – USP. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. V.19, N.3, set. /dez. de 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193876>, > Acesso em 14 set. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva/** Secretaria de Educação Especial.- Brasília: Secretaria da Educação Especial. – 2010. 73 p. ISBN 978-85-60331-28-4. Disponível em em: <https://www.google.com/search?q=MARCOS+POLITICO+LEGAIS+DA+EDUCA%C3%87%C3%83O+I9NCLUSIVA&oq=MARCOS+POLITICO+LEGAIS+DA+EDUCA%C3%87%87>

[C3%83O+I9NCLUSIVA&aqs=chrome..69i57j0i22i30.19791j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8#](#), > Acesso em: 09 dez. 2020.

DIAS, Marian Ávila de Lima; ROSA, Simone Conceição; ANDRADE, Patrícia Ferreira. **Os professores e a educação inclusiva: identificação dos fatores necessários à sua implementação.** Psicol. USP, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 453-463, dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420140017>, > Acesso em 25 set. 2020.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica.** V. 14, p.268 a 288, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15536/thema.14.2017.268-288.404>, > Acesso em: 22 abril 2020.

FARIA, Paula Maria Ferreira de; CAMARGO, Denise de. **As Emoções do Professor Frente ao Processo de Inclusão Escolar: uma Revisão Sistemática.** Rev. bras. educ. espec. Bauru, v. 24, n. 2, p. 217-228, abril 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382418000200005>, > Acesso em: 25 set. 2020.

FREITAS, Lindalva José de. **A Formação do professor como eixo inovador de inclusão no ensino fundamental dos alunos com deficiência em Limoeiro/Pernambuco.** Rev. int. investig. Cienc. Soc. vol. 13 nº 2, dez. 2017. pág. 225-238. Disponível em: <http://revistacientifica.uaa.edu.py/index.php/riics/article/view/391> > Acesso em: 4 maio 2020.

GUEDES, Danieli Ferreira. **O uso das tecnologias digitais para a alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista: proposta de um curso de capacitação.** 2019. 190 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procópio, 2019, Disponível em: <https://uenp.edu.br/doc-propg/pos-graduacao/stricto-sensu-mestrado-e-doutorado/mestrado-em-ensino/ppgen-dissertacoes-defendidas/ppgen-dissertacoes-turma2/12642-danieli-ferreira-guedes/file>, > Acesso em 20 abril 2020.

LOCATELLI, Paula Borges; SANTOS, Mariana Fernandes Ramos dos. **Autismo: propostas de intervenção.** Revista Transformar. 2016. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/63>, > Acesso em 20 março 2020.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS

[recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. Editado também como livro impresso em 2014. ISBN 978-85-8271-089-0

MATIAS, Hélen Bandeira Rosso; PROBST, Melissa. **A criança com Transtorno do Espectro Autista, a escola e o professor: algumas reflexões.** Uberaba-MG, v.18, n 158-170, jan./jun.2018. Disponível em: <http://revistasdigitais.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1190> > Acesso em 4 maio 2020.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVAO, Cristina Maria. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto contexto - Enferm. Florianópolis**, v. 17, n. 4, p. 758-764, dez. 2008. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072008000400018, > Acesso em 06 nov. 2020.

MINATEL, Martha Morais; DUARTE, Aláise Macêdo; OLIVEIRA, Raíssa Vasconcelos; SOUZA, Rita de Cacia Santos; SOUZA, Verônica dos Reis Mariano **Percepções desafios e práticas da inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista**. Revista diálogos e perspectivas em educação especial, v.6, n.2, p. 77-92, jul. dez. 2019. Disponível em:<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/8845>. Acesso em: 23 abril 2020.

NASCIMENTO, Maria Andreza do; NASCIMENTO, Antônio Anderson Brito do, e SANTOS, Mariluze Riani Diniz dos. **Autismo e o trabalho docente: reflexões sobre os desafios encontrados para a inclusão de uma autista na educação infantil**. Coordenação Geral de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão Social. Universidade Federal Rural do Semi - Árido. 2017. Disponível em:<
<http://periodicos.ufersa.edu.br/revistas/index.php/includere>, > Acesso em: 22 maio 2020.

PAIVA, Marlla Rúbya Ferreira; PARENTE, José Reginaldo Feijão; BRANDÃO, Israel Rocha e QUEIROZ, Ana Helena Bomfim. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa**. Sanare, sobral - v.15 n.02, p.145-153, jun./dez. - 2016. Disponível em:
<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049>, > Acesso em: 20 maio 2020.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz; TORQUATO, Isolda Maria Barros; COLLET, Neusa; REICHERT, Altamira Pereira da Silva; SOUZA NETO, Vinicius Lino da; SARAIVA, Alynne Mendonça. **Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares**. Rev. Gaúcha Enferm. 2016 set;37(3): e61572. DOI:
<http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>.

POKER, Rosimar Bortolini; VALENTIM, Fernanda Oscar Dourado; GARLA, Isadora Almeida. **Inclusão escolar e formação inicial de professores: a percepção de alunos egressos de um curso de pedagogia**. ISSN 1982-7199. Revista eletrônica de educação, v.11, n.3, p.876-889, set. / dez.2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/198271992016>. > Acesso em: 20 maio 2020

REZENDE, Elisângela Costa. **Políticas de inclusão escolar: a inclusão de crianças autistas nas escolas municipais de Amargosa – BA**. Trabalho de conclusão de curso em pedagogia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Bahia, 2019.

SILVA, Flaviane de Oliveira da; D`ESQUIVEL, Thiago Henrique Souza Cardoso; SANTOS, Nubia Mara dos; BATISTA, Sebastião Luiz. **AUTISMO E INCLUSÃO ESCOLAR**. Revista **Conhecimento em Destaque**, (Edição Especial, 2019). Disponível em:
<http://ead.soufabra.com.br/revista/index.php/cedfabra/article/download/171/168>, > Acesso em 12 dez. 2020.

SOUSA, Luís Manuel Mota de; VIEIRA-MARQUES, Cristina Maria Alves; SEVERINO, Sandy Silva Pedro; ANTUNES, Ana Vanessa. **A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem.** Revista investigação em enfermagem-novembro 2017. Disponível em: <https://repositorio-cientifico.essatla.pt/handle/20.500.12253/1311?mode=full>, > Acesso em :11 set. 2020.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** São Paulo, Publicado em 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf > Acesso em: 11 set. 2020.

TOGASHI, Cláudia Miharu; WALTER, Cátia Crivelenti Figueiredo. **As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno do Espectro do Autismo.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 22, n. 3, p. 351-366, jul.-set. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000300004>, > Acesso em 8 set. 2020.

VARGAS, Thamyres Bandoli Tavares; RODRIGUES, Maria Goretti Andrade. **Mediação escolar: sobre habitar o entre.** Rev. Bras. Educ. Rio de Janeiro v. 23, 2018. >. Disponível em <https://doi.org/10.1590/s1413-24782018230084>, > Acesso em 21 set. 2020.

VIANNA, Cid Manso de Mello; PIERANTONI, Celia Regina; FRANÇA, Tania Cristina; MAGNAGO, Carinne; RODRIGUES, Marcus Paulo da Silva; MORICI, Marina Campos. **Modelos econométricos de estimativa da força de trabalho: uma revisão integrativa da literatura.** Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 23 [3]: p. 925-950, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312013000300014>, > Acesso em: 11 set. 2020.